

## **TERRITÓRIOS DO SOM: ESTUDOS EXPLORATÓRIOS SOBRE O SONORO NA CIDADE**

ANTONELLA DOS SANTOS PONS<sup>1</sup>; EDUARDO ROCHA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>PROGRAU/UFPEL – antonella\_pons@hotmail.com

<sup>2</sup>PROGRAU/UFPEL – amigodudu@yahoo.com.br

### **1. INTRODUÇÃO**

Em busca de uma abordagem positiva do ambiente sonoro urbano, esta pesquisa pretende explorar aspectos sonoros da paisagem urbana (e entender como estão) vinculados às tendências artísticas, lutas sociais e evolução da sociedade. Não o ruído das máquinas, negativo, poluição que aprendemos a ignorar (SCHAFFER, 2011), mas sons de pessoas para pessoas, da comunicação espontânea e verdadeira, necessária. Por este caminho, o elemento sonoro é compreendido como dispositivo (AGAMBEN, 2009; DELEUZE, 1990) de conquista do espaço, capaz de demarcar territorialidades urbanas e sociais. Vinculada ao projeto de pesquisa intitulado **Territórios do Som: entendendo manifestações sonoras urbanas e suas formas de demarcação territorial**, inserido na linha Urbanismo Contemporâneo do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, investiga como são criados os territórios da escuta, do falar e do ouvir (BARTHES, 2009) ao passo que desafia o “silêncio” do campo tradicional da pesquisa em arquitetura e urbanismo no Brasil, a qual raramente tem abordado a problemática da paisagem sonora.

A partir do recorte apreendido na cidade de Pelotas, onde o ambiente urbano tem seu uso habitual frequentemente extrapolado para abrigar encontros, manifestações artísticas e lutas populares, o som é entendido tanto como lógica (AUGOYARD, 2008) quanto como instrumento utilizado pela sociedade para contrariar imposições e desviar do espetáculo (DEBORD, 1997), potencializando o ambiente urbano como terreno de ação e produção de novas práticas e experiências contrastantes à alienação e à ausência de paixão do cotidiano moderno (JACQUES, 2003). Assim, espera-se contribuir com a fundamentação do entendimento do som e da escuta na cidade, demonstrando sua capacidade de vincular o corpo à experimentação urbana, além de mapear possíveis configurações que relacionem a produção do som à apropriação do espaço público, as quais vão de encontro aos processos de planejamento idealizadores, homogeneizadores e descorporificados (PALLASMAA, 2011).

### **2. METODOLOGIA**

*“Somos nós, pois, condenados a ficar sociologicamente surdos à bela diversidade sonora da cidade hoje?” (AGOUYARD, 2008)*

O desafio epistemológico de uma investigação sonora sociológica é a dificuldade/impossibilidade de classificar, estabelecer categorias, recortar ou isolar o objeto de estudo, ao mesmo tempo em que se quer retirar dos parênteses o contexto dos fenômenos sociais onde ele acontece (SCHAFFER, 2011). Em decorrência disto, a abertura a subjetividades abrigada pelo método da cartografia (KASTRUP et. al, 2010) ajusta-se ao caráter qualitativo deste trabalho, onde pesquisa e pesquisador são potencialmente retroalimentados.

A partir da coleta de dados, observação in loco e levantamento audiovisual, espera-se encontrar e mapear pontos de encontros urbanos onde o som surge como principal elemento no enriquecimento da relação entre corpo e cidade (JACQUES, 2010); pretende-se inferir como essas territorialidades sonoras interferem na dialética urbana. Neste ponto é importante salientar a força da narrativa para o método da cartografia, pois expõe o processo, o percurso do trabalho, ao contrário de resultados visíveis e totalizadores obtidos somente em, por exemplo, mapas ou imagens.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre a superpopulação de sons percebida na cidade atual, muitas vezes é difícil distinguir o ruído de máquinas dos sons humanos e sons da natureza, fundidos em um cenário acústico característico do caos contemporâneo. Nesse sentido, torna-se necessário compreender um pouco a associação entre som/ruído e poder presente no imaginário humano: anteriormente, o som de fenômenos da natureza (trovão, por exemplo) significava o poder sagrado e a fúria de Deus, mais tarde, o badalar dos sinos e o som do órgão representava a força da Igreja, do mesmo modo hoje o ruído fragoroso das máquinas é associado ao poder e eficiência do modo de produção vigente. Sob este ponto de vista, a mistura confusa de sons e ruídos percebida na cidade contemporânea pode ser relacionada à disputa de poder e à luta por espaço, tanto por quem participa e contribui com o sistema econômico hegemônico (modo de produção capitalista) quanto por quem está à margem dele. A paisagem sonora mostra-se um ambiente onde diferenças e desentendimentos são sumariamente permitidos, e mesmo que por vezes haja censura a efemeridade do som e sua incapacidade de deixar rastros táteis ou visíveis o torna um elemento fundamentalmente constante na disputa por poder na cidade.

A essência da vivência humana e de nossa percepção do mundo depende de um encontro corporal com as situações, possibilitado pela provocação de todos os sentidos simultaneamente (PALLASMAA, 2011). Por esta razão, este trabalho não trata puramente da hostilização dos outros sentidos e consequente priorização da escuta, mas sim da compreensão de como ela participa do diálogo corporal com a cidade e com a arquitetura, aparecendo frequentemente como sentido imprescindível em manifestações artísticas e conflitos sociais e políticos encenados na cidade.

Tennessee Williams, em sua peça Um Bonde Chamado Desejo (*A Streetcar Named Desire*, 1947) ao descrever certa parte da cidade de Nova Orleans, atenta para o som metálico, vindo da rua, de um piano tocado apaixonadamente por mãos escuras, o qual sempre se ouve próximo às esquinas, e vai além: “esse piano tocando *blues* expressa o espírito da vida que se leva nesse lugar” (WILLIAMS, 2008). A indicação da paisagem acústica de uma sociedade como um sintoma de sua época e condições sociais é também mencionada por Raymond Murray Schafer em seu extenso estudo sobre a paisagem sonora mundial, o qual gerou uma série de conceitos relacionados ao ambiente acústico que farão parte do andamento desta pesquisa (SCHAFER, 2011).

Na cidade de Pelotas, o cenário urbano tem amparado cada vez mais encontros populares, a rua tem sido amiúde lida como palco de apresentações artísticas e protestos. O evento Sofá na Rua (Fig. 1), por exemplo, que acontece na zona do Porto, apesar do que seu nome evidencia, não transforma a rua meramente em um ambiente pacífico de estar urbano; o que se observou nesta ocupação foi uma troca intensa de mensagens corporais, expressões de desejos

individuais e coletivos, manifestações de cunho social e político que abordam temas como racismo, exclusão e violência urbana. Neste encontro, a fala e a música participam como principais aglutinadores do contexto social de resistência, compondo um campo abstrato de subjetividades que designam um acordo tácito entre ouvir e ser ouvido.

Figura 1: Sofá na Rua - Zona do Porto de Pelotas.



Fonte: Acervo Pessoal

Através dessa percepção, buscamos delinear e mapear territórios urbanos que podem ser criados a partir das subjetividades produzidas pela manifestação sonora e por seu reconhecimento. Roland Barthes esclarece sob um ponto de vista antropológico como acontece a apropriação e a identificação do território por meio da escuta. Ele diz que assim como os comportamentos nutritivos estão ligados ao tato, ao paladar, ao olfato, e os comportamentos afetivos, ao tato, ao olfato e à visão, a audição está essencialmente ligada à avaliação da situação espaço temporal. O homem se apropria do espaço também de maneira sonora: o espaço caseiro, da casa, do apartamento, é um espaço de ruídos familiares, reconhecidos; o seu território, assim como para o mamífero, está escalonado em sons (BARTHES, 2009). Complementando esta mesma noção de território, no espaço urbano a escuta é novamente um sentido fundamental para reconhecimento, produção e conquista do habitat; a sociedade lança mão da produção sonora quando deseja transformar a cidade em pano de fundo para suas reivindicações, utilizando-a como instrumento de resistência, de disputa e contrariedade, de apropriação de territórios físicos ou subjetivos.

Tendo em vista que o presente estudo encontra-se em desenvolvimento, os resultados apresentados aqui são parciais e compõem base para a continuação da pesquisa de mestrado adjunta. Os mapas, desenhados sobre a cidade de Pelotas, serão construídos no decurso do processo de levantamento de dados, observações e análise.

#### 4. CONCLUSÕES

Os sons da cidade observados neste trabalho exploratório até o momento vão muito além do ruído provocado por motores, pelo atrito entre pneus e asfalto, por buzinas, sirenes, fruto da dissipação da energia através de ondas mecânicas desprovidas de organização harmônica, lógica sonora que caracteriza o poder hegemônico da era industrial e do sistema moderno de produção. Ao perceber o universo sonoro urbano sob uma perspectiva subjetiva, social e política encontramos uma série de práticas sociais, corporais, artísticas que procuram fazer uso deste ambiente como meio de conquista e apropriação do espaço. Assim, esta pesquisa aposta que a aproximação entre a ideia de som urbano e território trará à luz a riqueza sociológica presente no ruído, na música e na palavra, componentes da dialética sonora da cidade, que não poderiam vir substancialmente à tona em uma abordagem quantitativa. Deste modo, as conclusões trazidas são parciais e indicadoras do olhar cartográfico a ser narrado no decorrer deste trabalho.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Trad. Vinicius Nacastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AUGOYARD, J.F. **L'entretien sur écoute réactivée**. In: Org., GROSJEAN, M; THIBAUD, J.P. *L'espace urbain en méthodes*. Marseille: Éditions Parenthèses, 2008.
- BARTHES, R. **O Óbvio e o Obtuso**. Portugal: Edições 70, 2009.
- DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. eBooksBrasil.com, 1997. Disponível em: <[www.geocities.com/projetoperiferia](http://www.geocities.com/projetoperiferia)> Acesso em 10 out. 2014.
- DELEUZE, Gilles. **Que és un dispositivo?** In: Org., Michel Foucault Filósofo. Madrid: Editora Gedisa, 1990.
- JACQUES, P. B.; Internacional Situacionista (Org.). **Apologia da deriva, escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- JACQUES, P. B.; BRITTO, F. D. (Org.) **Corpocidade: debates, ações e articulações**. Salvador: EDUFBA, 2010.
- KASTRUP, V.; PASSOS, E.; ESCÓSSIA, L. (Orgs). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- PALLASMAA, J. **Os Olhos da Pele: a arquitetura e os sentidos**. Tradução técnica: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- SCHAFER, R. M. **A Afinação do Mundo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- WILLIAMS, T. **Um Bonde Chamado Desejo**. São Paulo: L&PM Editores, 2008.